

MUSEU HISTÓRICO DE ACARI  
LEI 552/90 - 09 DE JUNHO DE 1990

F A Z E N D A S      D O      A C A R I

ORIGEM    E    CONTEMPORANEIDADE

MUSEU HISTÓRICO DE ACARI  
FEVEREIRO / 1996

## INTRODUÇÃO

O acariense que se preza não consegue desvincular-se do apelo cultural. Não se liberta do determinismo histórico. Quando se afasta do convívio escolar, procura caminhar de costas, mantendo a relação nutritiva de suas raízes e assegurando os limites de sua dimensão histórica.

Esta é uma oportunidade recente de reaproximação de nossas vertentes caminhando de frente rumo às fronteiras ancestrais. Aproveita-se pois, a trilha administrativa com que o Museu Histórico de Acari se consagra como entidade informativa cultural, oferecendo o ensejo de viajar de carona nos espaços vicinais do seu trabalho fecundo, tentando resgatar os compromissos e os liames de afinidades ainda persistentes na vivência evocativa do tempo atual.

Foi realmente, através dessas trilhas seguidas à luz da evidência e autenticidade histórica contada ou registrada na consulta bibliográfica e da pesquisa documentária às fontes de maior credibilidade que estiveram ao alcance da Equipe do Tour Interno do Museu Histórico de Acari.

FAZENDAS DO ACARI - ORIGEM E CONTEMPORANEIDADE é um relatório honesto e despretencioso de 06 (seis) fazendas na busca obstinada de sua destinação histórica, no registro da vida rural.

S U M A R I O

I - LOCALIDADE E FAZENDA RAJADA

II - FAZENDA INGÁ

III - FAZENDA FORTALEZA

IV - FAZENDA PITOMBEIRA

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

## I - LOCALIDADE RAJADA

### A - DENOMINAÇÃO

O lugar denominado RAJADA é proveniente da serra do mesmo nome, conhecida na região seridoense por seus fatos relacionados a sonhos de botijas e portas secretas com ouro vivo ou tão somente pela sua beleza natural. Outra versão sobre sua denominação é em virtude da presença de abelhas do tipo e nome Rajada, de grande produção de mel que servia de alimento para as grandes tribos dos Tapuias, Pegas, Janduís, Canindés da Nação Tarairiú.

### B - MANIFESTAÇÃO HISTÓRICA E COLONIZAÇÃO

1613 (11 de abril) - demarcação de terras pelo Provedor Real Teodólio de Orgestes Machado com ocupação da serra, no lugar Riacho das Carnahubas, ribeira do Quinturaré ou do Rio D'arara, tendo marco de pedras pretas até o sítio Acari.

1650 (15 de abril) - o Provedor Real de El Rei e Ajudante dos Portugueses realizou visita ao lugar das Carnahubas habitado por Tapuias, Janduís, Canindés e Pegas, sendo oficialmente o primeiro contato com o homem branco. Ocorreu oferendas de escravizadas, condimentos, com aproximadamente 15.000 (quinze mil) tapuios entre homens, mulheres e crianças.

1689 (28 de abril) - no vale Rajada, Domingos Jorge Velho deu ferte combate aos Bárbaros matando mais de mil tupis, prendendo uns trezentos. Outros fugiram para o Saco do Kique-xique.

1690 - ocorreu outro sangrento combate no cimo da Serra Rajada entre os Tupins e Janduís da Nação Tarairiú e as tropas governamentais de Domingos Jorge Velho, durante o período conhecido como Guerra dos Bárbaros ou Levante do Gentio Tapuia que compreendeu os anos de 1683 a 1720.

1724 (25 de maio) - o primeiro Tomaz de Araújo Pereira requereu por

data de Sesmaria parte do Rio do Juazeiro que nascia por trás da Serra da Rajada, passando a ser proprietário da localidade de Rajada.

1768 - O Coronel Caetano Dantas Correia (1º) casado com Josefa de Araújo Pereira, filha de Tomaz de Araújo requereu terras na Carnaúba e na Rajada, passando para seu domínio a citada localidade.

1798 - Processado o inventário do Coronel Caetano Dantas Correia (falecido em 1797), na localidade Vila do Príncipe, o Sítio Rajada sem benfeitoria alguma custou a imparifício avaliativo de 300\$000, por compra ao falecido Braz Ferreira Sociel. Na partilha de bens, a Rajada foi dada a Francisca Xavier Dantas, filha de Caetano, casada com João Crisóstomo de Medeiros. Na época não existia casa, apenas pastoreio de gados rebanhados pelo filho de João Crisóstomo, Simplicio Francisco Dantas.

1836 - Pelo inventário de João Crisóstomo de Medeiros na Vila do Acary processado por seu filho Sebastião de Medeiros Dantas aparece uma parte de terras na Rajada pelo valor de 37\$105. Supõe-se que o restante das terras deve ter sido distribuída como herança aos filhos por morte da esposa Francisca Xavier Dantas.

Além da terra da Rajada, João Crisóstomo de Medeiros foram avaliados os seguintes bens:

- 02 Potros
- 02 Éguas
- 30 Cabras
- 12 Ovelhas
- 01 Poldrinha

1813 (21 de julho) - O filho de João Crisóstomo de Medeiros e Francisca Xavier, Caetano Dantas de Medeiros casou-se com Ana Joaquina filha do Tenente Coronel Caetano Dantas Correia (2º)

e de Luzia Maria do Espírito Santo. Como dote do pai, Caetano recebeu parte da localidade Rajada onde ficou morando, num simples sítio de criar gado, recebendo o apelido de Caetaninho da Rajada.

1892 - 1893 - Joaquim Paulino de Medeiros, o Coronel Quincó, casou-se com Maria Florentina de Jesus, filha de seu irmão Coronel Antônio Galdino de Medeiros e de Ana Rosa da Conceição, construindo uma casa na Povoação de Carnaúba em 1913.

#### C - SURGIMENTO DA FAZENDA RAJADA

De acordo com os dados em arquivos do cartório de Pombal - PB e na Biblioteca Donatila Dantas em Carnaúba dos Dantas, apresentados por Pedro Arthur Dantas e Helder Alexandre M. de Macedo, a Fazenda Rajada foi criada entre os anos de 1892 e 1893 com o casamento de Joaquim Paulino de Medeiros, o Coronel Quincó com Maria Florentina de Jesus que compraram o sítio tendo apenas uma casinha humilde de taipa coberta de telhas e os campos abertos sem cercas e curral. Toda localidade onde se instalou a Fazenda Rajada foi adquirida dos terrenos pertencentes ao casal João Crisóstimo de Medeiros e Francisco Xavier Dantas (que foram donos da Fazenda Palma) e dos herdeiros Manoel de Medeiros Dantas (Manoelzinho da Pitombeira) e sua mulher Maria José do Sacramento, além do casal Caetano Dantas de Medeiros e Ana Joaquina de Medeiros.

#### D - DESENVOLVIMENTO DA FAZENDA RAJADA

Presume-se que o Coronel Quincó fez o seu casarão antes de 1895. Ao lado da casa edificou um armazém para colocar o maquinário de descarregar algodão e outros aposentos para os empregados da casa.

A riqueza de Quincó surgiu depois da morte de seu pai, onde herdou moedas de ouro, prata e dinheiro em papel, terras e criações. De posse desses bens, o Coronel Quincó tornou-se conhecido como homem endinheirado no Acarí e sua fortuna era motivo de inveja no Seridó.

#### E - O COTIDIANO NA RAJADA DO CORONEL QUINCÓ

A pecuária sempre foi fonte de riqueza na Fazenda Rajada. Diziam que criava-se quase 700 cabeças de gado e

nos anos de bom inverno, na apartação das vacas e bezerros, eram mais de 200 bezerros ferrados. Em começos de 1.900, começou o plantio do algodão na várzea da Rajada que era uma planície de terra fértil onde plantava-se arroz, milho, feijão, mandioca, macaxeira, variados tipos de frutas para o consumo dos moradores.

Nos anos de bons invernos, ocorria retirada para a Palma e lá fabricava-se os requeijões e muita manteiga de garrafa para distribuir com a família e amigos, enquanto os queijos maiores iam para o jirau à espera da Semana Santa.

A comercialização das boiadas maiores ocorria em Itabajana ou Itambé.

#### F - A RIQUEZA VISTA NA FAZENDA RAJADA

No grande inverno de 1924, nos dias de sol eram estendidos vários couro de boi no muro do casarão e Quincó saía jogando notas de 500 \$ 000 mil réis para secar temendo dar o mofo. Os dinheiros de cobre e níquel eram guardados nos cantos de paredes ou detrás das portas.

Ouro e prata do tempo Imperial eram guardados no cofre, com as notas maiores.

#### G - FATOS QUE MARCARAM A FAZENDA RAJADA

1925 - próximo a Festa de Nossa Senhora da Guia, o Major Sátiro Bezerra vendendo tecidos, perfumes e outros produtos pelos sítios e passando na Rajada falou para o Coronel Quincó que ia haver um recolhimento de dinheiro, especialmente as notas de 500\$000 mil réis.

Quincó foi ao cofre e resolveu trazer um punhado do dinheiro. A contagem chegou até 150, faltando outros dinheiros misturados. Esse fato foi motivo de aposta entre Major Sátiro e um cidadão acariense numa teima que rolou em certo dia de feira no Acari. Desafiado para uma aposta de 10 garrates em troca da existência de um possuidor de 100 notas de 500\$000 mil réis, dirigiram-se ao casarão de Quincó da Rajada, tornando-se o Major Sátiro vencedor da aposta. Comprovaram então que a Fazenda Rajada era comentada pela sua fortuna em gado e o Coronel Quincó um homem bem abastado.

- ENTREGA DA IMAGEM DE SANTO PADROEIRO DE CARNAÚBA DOS DANTAS - SÃO JOSÉ DE BOTAS

Com a construção da primeira igrejinha de Carnaúba dos Dantas pelo Coronel Quincó e doação de sua primeira imagem, no dia 18 de março saiu uma caravana, uns a cavalo e outros a pé rumo a Acari. No retorno à Rajada já esperava uma manifestação com Banda de Música e Fogueteões com promoção de novena e jantar oferecidos no casarão. No cantar da passarada, a alvorada dava aviso de que a imagem do santo ia saindo para Carnaúba.

1924 - O ANIVERSÁRIO DOS 80 ANOS DO CORONEL QUINCÓ

Os parentes e amigos de Quincó organizaram uma festa de surpresa, a começar pela alvorada no meio da Serra da Rajada, e no alpendre comoveu o aniversariante entre abraços, lágrimas, parabéns com a celebração de uma missa, seguida de café e festa.

1927 - ( 27 de janeiro ) - O ROUBO E TEMPORAL NA FAZENDA RAJADA

Na noite enluarada, o Coronel Quincó saiu para presenciar algum relâmpago. Distante avistou um vulto em direção a sua morada. Em poucos instantes sua casa é invadida por bandidos que trancaram o Coronel e seu filho na sala e dominaram o restante da família. De posse de uma marreta, quebraram o cofre e se apoderaram dos dinheiros, papel, ouro e pratas do tempo do Império. Por ação de seu filho Jacó que agiu jurto ao delegado de Carnaúba dos Dantas, havendo confirmação de que o roubo tinha sido feito por Chico Pereira ou os cobras de Lampião.

O Coronel Quincó passou momentos parados sem entender, no ver parte de sua fortuna desaparecer, além do massacre ocorrido com sua família.

Naquele dia triste, caiu um temporal de nuvens negras que devorou toda a riqueza de Quincó. Se foram objetos抗igos, heranças preciosas de José Martins, murraca grande encrustada a ouro, cordões, terço, anéis, relógio, teteias tudo em ouro, além de jóias preciosas de alto valor comercial compradas pelo casal.

#### H - FATOS DOLOROSOS DA FAMÍLIA DO CORONEL QUINCÓ

O Coronel Quincó costumava dizer que a Serra da Rajada era a menina dos seus olhos e dizia também que amava essa terra, pois ali nasceu, se criou, nasceram seus pais, avós, bisavós, trisavós e ali queria morrer. Ninguem poderia imaginar que em poucos anos, tudo aquilo ia desmoromar de maneira tão cruel, traçoeira e dolorosa.

A família sempre acompanhou o Partido Liberal (O Tela Bicho) e não demorou a vir perseguições sobre o filho Jacó. Ele fugiu para Campina grande e passou vários anos longe da família e sofrendo. Para vir a sua terra, era em traje de esmoler, roupa rasgada, barba grande, chapéu de palha amassado, cabelo grande.

Os dias iam passando e a família sentia a desmoronamento dos bens. Surgiu questões na família com estranhos, mortos, loucura. Com o esbulho da Rajada, Dona Maricota foi expulsa de sua casa pelo promotor Nicodemos Claudiano de Andrade, sendo empurrada sem ter o direito de tirar seus pertences. Ficou refugiada embaixo de um tamarineiro.

A família resolveu ir todos para o Sítio Grossos.

O Coronel Quincó faleceu numa madrugada fria do dia 03 de novembro de 1932, aos 88 anos de idade. Ele era um homem que não tinha vícios, com que gastar. Somente com a família e as esmolas gordas para o padroeiro. No seu inventário a Fazenda Rajada contava com 800 braças de terra, 8 casas de tijolos, e que avaliado em 15.000\$000 (quinze conto de réis).

#### I - A FAZENDA RAJADA NOS DIAS ATUAIS.

A Fazenda Rajada pertence a Teodora Adones, viúva do saudoso Antônio Adones de Parelhas e seu filho Chiquinho. O Casarão Rajada continua edificado com pequenas reformas mas completamente alheio às grandes fortunas do Coronel Quincó.

#### II - FAZENDA INGÁ

O Sítio ou Fazenda Ingá foi adquirido pelas eras de 1760 pelo Coronel Caetano Dantas Correia através de uma ação

de compras ao Senhor Diogo Velho de Carvalho, licenciado da Capitania.

No inventário do Coronel Caetano Dantas Correia, o Sítio foi dividido em duas partes:

- uma coube ao Sr. João Felipe da Silva casado com Isabel da Rocha Meirelles;
- outra coube a Antônio Tomaz de Azevêdo casado com Ana Dantas Pereira.

Isabel da Rocha Meirelles e Ana Dantas Pereira eram filhas de Caetano Dantas Correia e Josefa de Araújo Pereira.

João Felipe da Silva e Antonio Tomaz de Azevêdo eram filhos de Francisco Gomes da Silva e Ana Tereza de Jesus.

Em 1798 as filhas de Caetano Dantas Correia residiam na localidade.

### III - FAZENDA FORTALEZA.

#### A - DENOMINAÇÃO.

A Fazenda Fortaleza localizada numa extensão de terra com imensa beleza é vista por todos com a incorporação de duas qualidades que lhe são comuns: terra forte + terra bela.

#### B - INSTALAÇÃO DA FAZENDA.

Pertencente ao primeiro Prefeito de Acari Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa que nasceu na Fazenda Ingá, propriedade de seu pai. Na sede da fazenda foi instalada em 1880, a casa grande em estilo Português e reformada em 1925. por sua edificação em tempos remotos, não se têm indícios de inscrições rupestres, sabe-se da existência de peças líticas encontradas como pilões, martelo e machados.

Supõe-se ter sido encontrada uma rótula do joelho de um animal pré-histórico, aproximadamente do tamanho da cabeça humana.

#### C - OS TRABALHOS REALIZADOS NA FAZENDA.

Considerada uma das melhores fazendas da região por ser produtora de diversas atividades econômicas com a experiência do plantio de arroz e trigo colhido em pequena escala como também a pesca.

Pela riqueza de seu potencial hidrográfico com a construção de quatro barragens de pedra-e-cal em pontos de curso d'água, de subsolos rochosos e paredes de terra, um açude e quatro barreiros em lugares apropriados, além de tanques em lajeiros, todos destinados a armazenagem de água potável proveniente do período chuvoso na região. A ampliação dos reservatórios de água foi determinada pela abertura de dois cacimões no leito do riacho Ingá que corta a fazenda.

A preocupação do proprietário na valorização da localidade com o aperfeiçoamento dos serviços de abastecimento d'água com bombas e encanamentos irrigatório foi criado um grandioso pomar com plantio de bananeiras, mangueiras com variação de 12 espécies tendo uma que o fruto chegava a pesar 1.300 gramas, além de assegurar a utilização do solo para outras culturas.

pesar 1.300 gramas, além de assegurar a utilização do solo para outras culturas. ( sem efeito )

Todo material para as construções existentes desde a sua instalação e no trabalho rude do homem escravo foi originado da fazenda, cabendo ao proprietário a compra de sal.

Todos viviam bem na localidade. A produção tinha destino certo.

Os frutos eram consumidos pela família e moradores da fazenda. Eram vendidas as bananas, cajus, cocos, mangas e as goiabeiras que produziam em grande escala, transformavam-as em goiabadas, que era o doce muito apreciado por todos.

Outro impulso econômico de sustentação para o Fortalecimento do desenvolvimento da Fazenda foi a agricultura. O plantio do algodão mocó oportunizou a instalação de um descaroçador na própria localidade exportando fardos de algodão. Houve também a implantação de um engenho de açúcar para produção do açúcar, rapadura, melão e uma casa de farinha e povidão de mandioca.

A Pecuária foi outro fator importante na Fazenda Fortaleza. Grande escala mostrava a criação do gado bovino, ovinos, caprinos, suíno. O couro era espichado para confecção de indumentárias dos vaqueiros e calçados dos moradores, além da família durante o ano todo.

Pela presença do trabalho escravo e pelo bom trato dado pelo patrão, a fazenda era dotada de toda atividade de manutenção como olearia, marcenaria com o trabalho de pessoas vindas de outros locais.

Não existia escolas para os moradores. Os filhos vinham para a cidade montados em jumentos domesticados para receber as primeiras lições. Da casa era ensinado culas de etiqueta, português, latim, cônico e prendas domésticas para as meninas.

Os meios de transportes mais usados eram em forma de comboio em mulas para escoamento da produção de melão-de-cheiro, milho, melancia e jerimum. Os grandes volumes eram tombados em carros de bois.

Era comum a observação de usos e costumes entre as pessoas que habitavam a localidade.

As comemorações mais participadas eram as festas juninas com fogueiras, comidas típicas, solta de fogos. Só eram realizadas as festas de agradecimento ao proprietário.

Na Festa de Padroeira recebia ilustres políticos em sua casa cuja acolhida preparava pratos típicos com produtos regionais como queijo do sertão e manteiga da terra, guardados em grandes jirau.

De família tradicional no município de Acari tinha lugar de destaque com bancos e tribuna no corpo da Igreja Matriz.

#### D- UMA DECISÃO QUE MERECEU A RECOMPENSA DOS TRABALHADORES.

Grande parte dos trabalhadores da Fazenda Fortaleza era não - de - obra escrava entre negros oriundos de Angola na África. Quando se deu a assinatura da libertação dos escravos, todos os escravos que moravam na Fazenda já tinham suas cartas de alforria. No ato em que Cipriano reuniu todos os negros em frente a casa grande para divulgar a grande notícia da libertação e explicando que a partir daquele momento eram homens livres e poderiam trabalhar para outros patrões sendo assalariados, todos choraram. A maioria não quiseram sair, apenas um escravo foi para a Paraíba em busca da esposa. Os mais velhos permaneceram na Fazenda dedicando seu trabalho aos afazeres do trabalho braçal por parte dos homens e as mulheres na fiação e confecção de renda de bilro, além de auxiliar na criação dos filhos do patrão. A partir daí, construíram cercados para o gado nas diversas fazendas compreendendo o total de oito. Grandes currais feitos com frentes de pau-a-pique e cercas de pedra foram marcas do trabalho implantado por grandes moradores de senzalas.

#### E- MUDANÇA DE DENOMINAÇÃO.

Com o falecimento do proprietário da localidade, a Fazenda Fortaleza, após o ano de 1947 passou a ser denominada Fazenda Coronel Santa Rosa em homenagem póstuma ao seu grande proprietário.

#### F- REALIDADE DE HOJE.

A grande Casa da Fazenda com arrozais, os velhos tamareiros na frente da casa, as cercas de pedra e de arame farpado são

marcas deixadas na escalação do tempo para a recordação dos familiares em visitas periódicas dos familiares. A ausência das atividades e o total abandono do grande patrimônio histórico da Fazenda Fortaleza pouparam-lhe a condição de forte apesar de continuar ainda bela.

#### IV- FAZENDA FITOMBEIRA.

Localidade em que se caracterizava pela existência de arvoredo com o nome de Pitombeira ao longo do Riacho Pitombeira, a Fazenda pertencia inicialmente a Manoelzinho, passando para Joaquim Servita. Em 1920, João Silvério de Araújo comprou a propriedade a viúva Terezinha Servita.

Além de seus proprietários foi ocupada na exploração de suas terras por Tobias Pires de 1938 a 1947, João Silvério de 1948 a 1950, José Brito em 1958 além de Manoel Catingueira, Lourival e Júlio Januário.

Atualmente seu patrimônio pertence a Maria Herculana de Araújo Bezerra e Maria Fiel de Araújo, por herança do seu pai João Silvério de Araújo. Antônio Adonias é proprietário das terras que pertenciam a Maria Fiel de Araújo.

As edificações encontradas no contexto da localidade são atribuídas ao seu primeiro proprietário Manoelzinho da Fitombeira. A casa da Fazenda foi construída com telhas e tijolos produzidos no local, a cal foi adquirida e surrada com pau em localidades próximas. Tinha como principais destaques: fogão de barro, cozinha de queijo, sótão, armários embutidos para guardar alimentos, armazém. Foi construída com tijolos, barro, cal e pedra. O piso é de tijolo e pedras. A cobertura com madeira tirada da regiça. No período de ocupação por João Silvério foram realizadas algumas modificações como: cozinha comum e de queijo, além de ser murada.

Outra obra importante era a Casa dos negros que existia na fazenda em estilo antigo, tolha em madeira do tipo aroeira, angico e pau d'arco, trabalhada em 4 faces.

Os currais são de pau-a-pique com madeira cerrada e descascada e as cercas em pedra, varas e arame já no estilo mais recente. Toda região da fazenda conta com uma bacia hidrográfica conta com 2 riachos, 1 açude, 3 barragens e uma cacimba para o abastecimento dos animais.

As atividades econômicas do passado eram sustentadas pela pecuária com produção para o consumo e venda de carnes de ovinos, suínos, ovinos, peixes e bovinos, além do queijo e manteiga. Criava-se em média 100 bovinos, 50 ovinos além de cavalos, burros, jumentos para montaria.

A produção de feijão, milho, arroz, batata, algodão, e o plantio de capim para alimentação animal asseguravam a parte da agricultura.

Os recursos humanos que viviam na fazenda era em média de 25 pessoas que tinham como alimentação básica bolos, comida de milho, paçoca, umbuzada, arroz doce, tapioca, doces, mel de abelha, legumes e frutas da própria localidade.

As mulheres ocupavam-se dos afazeres domésticos, dos costurais, bordados, serviços de apoio a agricultura e pecuária que eram realizados pelos homens.

Podemos registrar alguns usos e costumes que eram observados em todos os moradores da fazenda Pitombeira como:

1- As manifestações religiosas eram Igreja Católica-rezava-se terços durante todos os dias do mês de maio, com queima das flores que enfeitavam o oratório, recitava-se o ofício de Nossa Senhora nos dias de sábado, à noite.

Era comum fazer promessas por curas alcançadas. Existia regularmente a celebração do Dia de Santa Luzia com terço rezado para a proteção da visão.

2- As festas familiares como casamentos eram feitas com muitos convidados, para isso abatia-se uma rês para atender as refeições de almoço ou jantar. Havia bailes, com sanfoneiro, que se estendia até a meia noite.

3- Algunas casas serviam de ponto de apoio onde dava-se arrancho na forma de dormida (inclusive sob árvores) e alimentação.

tação a pessoas passageiras, tropeiros ou matutos que geralmente viajavam com cargas transportadas em animais, fazendo o percurso entre o brejo Paraibano e as cidades de Cruzeta, Florânia e outras localidades. Cortava a propriedade uma estrada de matuto, ligando a cidade de Carnaúba dos Dantas como destino.

4- A iluminação usada pelos moradores era com faróis, lampiões e candieiros alimentados por querosene.

5- As necessidades básicas dos habitantes eram supridas através da realização de compra e venda feitas semanalmente em Acari, onde vendiam-se queijo e manteiga por meio de encomenda. Os produtos vendidos como o queijo eram marcados com um ferro quente no formato de um coração e a mesma marca era utilizada na identificação dos animais. A fabricação de queijo era utilizada com mão-de-obra caseira. No preparo usava-se um implemento tipo ferro de passar roupa, para tornar o queijo liso e sem aparas.

6- Eram comum toda família fazer quatro refeições diárias em horários específicos como:

- 7 horas - café
- 9 horas - almoço
- 16 horas - jantar
- 19 horas - ceia

7- Nas residências eram comuns a utilização de bancos, tambores, mesas, malas, cantareiras, potes, copeiras, máquina de costura de mão, armário para louça, jirau. Inexistia rádio e relógio. Os objetos de valores eram guardados em caixotes com chaves de alarme.

8- No atendimento a educação eram diferenciadas para os sexos: os homens quando podiam descolavam-se diariamente até o local da sala de aula, enquanto as mulheres permaneciam na cidade durante o período escolar. Outra opção adotada era a de uma professora residindo na localidade,

9- A maioria das pessoas que adoeciam eram tratadas com remédios comuns como lombedores, xaropes, chás, homeopáticos e os casos mais graves, deslocavam-se para Acari por meio de animais, burros ou redes.

MUSEU HISTÓRICO DE ACARI  
LEI 552/90 - 09 DE JUNHO DE 1990

10- Acreditava-se na existência de fortunas através de botijas. Houve escavação na cozinha da casa da fazenda feita por Elias, uma antiga moradora, encontrando-se apenas sinalis de escavação já feitas.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa documentária contada e registrada na consulta bibliográfica do documentário FAZENDAS DO ACARI-ORIGEM E CONTEMPORANEIDADE formaliza uma espécie de incursão ou reencontro às correntes historiográficas que partem das origens e chegam à contemporaneidade das décadas e anos, num longo percurso que abrange mais de três séculos de existência. Nesse instigante itinerário, pessoas e acontecimentos se fundem e se identificam através de sua formação política e cultural.

Nessa visão retrospectiva das origens primitivas das fazendas Rajada, Ingá, Fortaleza e Pitombeira nos encontramos em pleno século XVII, quando sedimentaram os alicerces do que seria uma civilização de características agrária e pastoril, a demonstração da luta de famílias e de terras fiéis no seu destino.

## **COMO CITAR**

ACARI. Prefeitura Municipal. Museu Histórico de Acari. **Fazendas do Acari: origem e contemporaneidade.** Acari: [s.n.], 1996.